

Voltou aos bandidos para recuperar o filho

★ Beleza Siteo, que teve que viver 45 dias com os assassinos

por Bonga Khombo (texto)

Depois da história que abriu esta série de episódios contados e vividos pelos sobreviventes do ataque perpetrado, no Guijá, pelos bandidos armados a soldo do regime hidiondo do «apartheid», em Janeiro do corrente ano, voltamos, hoje, com outro episódio não menos arrepiante, na vez de uma outra vítima.

Trata-se de uma mulher de meia idade, que na impossibilidade de fugir a tempo (aliás depois de ter-se escapado dos bandidos) teve de regressar para saber da sorte do filho mais novo que na precipitação da fuga, não conseguira levar consigo e assim acabou por cair na teia dos assassinos.

Por ela ter conseguido aguentar a dolorosa marcha de centenas de quilómetros, conseguiu sobreviver, mas pagou caro a ousadia, pois teve de viver 45 dias na companhia dos bandoleiros.

É sobre a experiência amarga pela qual teve de passar que se vai centrar o relato de hoje.

Como fizemos na primeira história real destes episódios, hoje também a história será apresentada na primeira pessoa do singular, com pouca interferência do repórter.

Meu nome é Beleza Manguangua Siteo. Não sei dizer a minha idade — mas aparenta 55 anos — pois não andei na escola.

Sou casada e mãe de seis filhos, o último dos quais é este com quem fui raptada pelos bandidos.

Tal como a maioria dos habitantes daquela vila, eu levava a minha vida dedicando-me à agricultura, secundado por quatro dos meus seis filhos, pois os outros dois ainda são muito novos.

Quando eram 4 horas da manhã daquele sábado fatídico, fui violentamente acordada pelo barulho de apitos e disparos, mas o fogo estava mais concentrado nas zonas da cidade de cimento, pois a minha casa fica uns metros fora da queia zona.

Nesse dia, estava eu a dormir com uma neta, e o meu filho mais novo, que tem seis anos, encontrava-se a dormir com a minha sogra, numa outra casa.

Precipitadamente, consegui sair, na companhia da minha neta, e corremos para fora da aldeia e para muito longe do local onde provinha o som dos disparos.

Mantive-me ao largo por quase toda a manhã, mas quando eram onze horas, e porque já não ouvia nenhum disparo, pensei em regressar a casa, com o objectivo de saber qual tinha sido a sorte do meu filho e da minha sogra, únicas pes-

soas da família das quais desconhecia a sua sorte.

O que reforçou a minha intenção de regressar é que, não ouvindo mais disparos, me convenci de que os bandidos já deviam ter-se retirado.

Quando estava a uns poucos metros da minha casa, apareceu o primeiro helicóptero e, mais uma vez, os bandidos, que, afinal, não se tinham ido embora, começaram novamente a disparar em todas as direcções.

Foi nessa ocasião, também, que descobri o meu filho, juntamente com um grupo de outras crianças, a correr em minha direcção, provenientes da zona das cantinas.

Quando o meu filho chegou junto do lugar onde me encontrava, apercebi-me de que tinha sido ferido na mãozinha direita e estava com as roupinhas todas ensopadas de sangue.

Nessa ocasião, choviam, com muita força, muitas balas e obuses de roquetes de morteiro e bazucas na nossa direcção e a meia altura.

Destê modo, decidimos refugiar-nos dentro da casa, onde tentei estancar o sangue que jorrava do ferimento da mão do meu filho.

Poucos minutos depois, dois outros helicópteros vieram juntar-se ao primeiro, o que aumentou o pânico dos bandidos.

Assim, um grupo deles, em nú-



Quando os bandidos viram o helicóptero, mandaram-nos carregar os fardos e começamos a correr. Era o começo duma longa tragédia na minha vida. (Foto de Joseph Jack)

mero de oito, invadiu a casa onde estávamos eu e o meu filho. Quando descobriram que a casa estava habitada, um dos bandidinhos mais pequeno — devia ter aí por volta dos 9 a 10 anos — apontou-nos a arma, decidido a liquidar-nos mas um dos mais velhos arrancou-lhe a

arma, dizendo que não devia disparar contra nós, porque assim faria barulho, e eles podiam ser facilmente descobertos pelas nossas Forças.

A partir daquela altura, passamos a estar sob o poder daquela turba de assassinos.

VI MAIS DE 16 PESSOAS A SEREM ASSASSINADAS

Quando o bombardeamento dos helicópteros sobre as posições dos bandidos acalmou um pouco, fomos arrastados, juntamente com outras pessoas que, tal como eu, haviam sido apanhados, para o local onde estavam amontoados os diversos produtos roubados.

Estava para me esquecer: antes de nos arrastarem para fora da minha palhota, os bandoleiros exigiram que lhes entregasse todo o dinheiro que tinha. Assim, fui obrigada a entregar-lhes 20 contos, resultado da venda de 4 sacos de milho que acabava de realizar e que ainda não tinha tido tempo de ir ao Chôkwê depositar: levaram toda a roupa que encontraram dentro da casa, açúcar, farinha e óleo que também acabava de comprar. Levaram tudo, deixando a casa completamente vazia.

Agrupados na zona dos produtos roubados, como eu ia dizendo, a mim coube carregar na cabeça um sacuto grande, cheio não sei de quê, e deram-me ainda umas rédeas de um dos burros que puxava uma carroça cheia de produtos diversos.

Começamos a caminhar, e assisti, primeiro, às três senhoras que, por se declararem cansadas, foram «postas a descansar definitivamente e para sempre».

Pouco depois de balearem a Mamã Dina e antes de passarmos três quilómetros depois de Tomanie, entramos numa emboscada das FAM/FPLM, onde mais de doze corpos de bandidos vi a serem transportados completamente inanimados e metidos numa carroça que para o efeito foi esvaziada de sacos e diversos outros produtos que até aí vinha transportando. Foi nesse lugar que foram, também, abandonadas diversas outras carroças repletas de sacos de farinha, milho, arroz e caixas de bolachas e sabão.

Tudo isto eu vi com meus olhos. Deviam ser 20 horas, e já ninguém se aguentava mais de entre a maior parte dos raptados, depois de os bandidos falarem pela rádio, não sei para onde, pois foi através duma língua que eu não compreendo — quando o chefe deles, um tal Matusse, deu ordens para descarregarmos a bagagem, para descansarmos.

Nesse lugar, fizemos uma fogueira e mataram uma vaca a golpes de machado e começaram a assá-la à brasa; comeram-no ante as vistas suplicantes de fome, fadiga e medo dos raptados.

Depois de comerem, o tal Matusse voltou a falar pela rádio. Depois da conversa que teve, julgo com os seus chefes, mandou reunir todos nós e disse-nos que tinha recebido uma ordem desagradável, impedindo-o de nos matar a todos, porque os seus chefes queriam que a maior parte da comida que levamos do Guijá tivesse que chegar toda ao destino.

Por essa razão, quem achasse que não teria força de continuar a carregar os fardos que lhe haviam sido confiados que dissesse naquele momento, «porque eu não quero preguiçosos nem cansados», disse.

Como é evidente, não apareceu ninguém declarando tal.

Apesar da promessa que o Matusse nos fizera, de que não mais mataria ninguém até ao destino, quando nos levantamos, no dia seguinte, fomos chamados para nos ser «mostrado o que vos espera se pensarem em fugir, para queixarem às Forças da Frelimo», conforme nos dizia o Matusse.

De facto, 16 corpos de homens e jovens, dos seus 14 a 16 anos, jaziam no chão, alguns com as cabeças decapitadas. Outros, cujas cabeças ainda se mantinham no conjunto do corpo, tinham os seus próprios órgãos sexuais introduzidos na boca.

Não gostaria de recordar aquele episódio, porque é simplesmente horroroso. Não existe nada que se possa comparar àquilo que vi.

Nem as crianças que eram em número bastante grande, foi lhes poupado o espectáculo arrepiante.

Mas, depois desta demonstração do que aconteceria a nós, raptados que, porventura viéssemos a acalentar a esperança de fugir, o Ma-



A destruição de tudo o que estiver à vista é uma prática feita normalmente dos assassinos à soldo de Pretória. (Foto de Arquivo)



«Se não tivesse sido por causa do meu filho, teria conseguido fugir para muito longe, como muitas outras pessoas o fizeram». (Foto de Joseph Jack)

tusse ainda demonstrou como em apenas dois meses e meio um ser humano normal podia descer a tão baixos instintos animais.

Note que (o Matusse) não o conhecíamos como bandido. Ele era

e as pendurasse no pescoço, como troféu de guerra.

Depois destas demonstrações, foi nos dada ordem de marchar em diante. Note que a maior parte de nós teve de adicionar mais carga

na que já vínhamos transportando até ali, para compensar a que ficaria sem carregadores, devido à morte dos nossos 16 companheiros, barbaramente assassinados.

Assim, íamos mais devagar, não por vontade dos bandidos, mas simplesmente porque, naquelas condições, era humanamente impossível andar mais depressa.

Devia ser meio-dia, quando chegamos àquilo que chamam de pos-

to avançado da base central. Neste local, somente ficamos o tempo suficiente para os bandidos mudarem de chefe.

Quando — depois da conversa por alguns momentos entre o célebre Matusse e o novo chefe que passaria a tomar os destinos da nossa vida — retomamos a marcha, passava pouco já da uma hora da tarde. Mulheres, crianças e mesmo alguns homens, começamos a urinar sangue, porque, se a memória não falha, desde que fomos forçados a partir de Guijá, no dia anterior, já devíamos ter caminhado, aproximadamente, cem quilómetros e tínhamos as pernas e pés inchados.

Pouco depois das 17 horas, chegamos, finalmente, à chamada base central. O local, se a memória não me falha, (o que não seria de estranhar depois do que passei) chama-se Changalimo, e o rio que corre perto tem o nome de Maungé e é onde, normalmente, se costumava ir buscar a água utilizada na base.

VIDA NA TAL BASE CENTRAL

Na chamada base central, a zona com algumas construções estava reservada aos raptados que, pelo tempo de permanência no seio dos bandidos, já tinham ganho, digamos assim, a sua confiança.

Então, este tipo de raptados, em número limitado, é que gozava do privilégio de uma alimentação condigna naquelas condições, asseio e assistência sanitária.

No mesmo dia da nossa chegada, foram chamados muitos «madjibas», para irem dar «as boas vindas».

Fomos apupadas, pois a maior parte de nós havia sido despojada das nossas roupas se ainda exis-

tiam alguns que conservassem no corpo alguma coisa para tapar apenas o sexo. Muitos eram aqueles que, perante filhos, netos, entre homens e mulheres, andavam tal e qual vieram ao mundo, pela primeira vez: completamente nus.

É nestas sessões que os chefes dos bandidos mandavam as mulheres-bandidas veteranas, para nos «esclarecerem» que enquanto permanecerem do lado da Frelimo, a vossa sorte será sempre esta. Olhem para mim. Estou bem vestida. Estou com aspecto saudável, tenho fios de ouro sob o pescoço, tenho bom calçado «Made in South Africa». Em suma, tenho boa vida».

Assim se prolongava a dissertação de tudo o que de «muito bom» existe no seio dos bandidos. Diziam não compreender como é que «vindos da cidade, podem vir fazer esta vergonha, aqui de andarem nus».

Não vale a pena prolongar, porque seria necessário acabarem-se dias e dias a contar o que acontecia. Simplesmente, para rematar esta parte, diria que era depois destas sessões que as jovens mais bonitas do grupo eram seleccionadas para certos cabecilhas dos bandidos, como suas mulheres. Os jovens (as crianças dos seus 9 a 12 anos, preferencialmente) eram escolhidos para serem treinados.

Estes é que tinham a «sorte» de passarem a viver dentro da base propriamente dita.

A parte reservada aos raptados menos importantes ficava fora da zona das construções; dormiam ao relento, mesmo em dias chuvosos, o que aconteceu muitas vezes durante os dias em que permanecemos no cativeiro.

Para minimamente nos abrigarmos, ou melhor, escondermos da vergonha de andarmos nus, tivémos de recorrer às folhas das árvores, já que as peles de caprinos e bovinos, apesar de serem abundantes na base, não nos podíamos dar ao luxo de usá-las como vestuário, pois constituíam a nossa alimentação básica.

Era frequente, nas reuniões que promoviam diariamente os bandidos, falarem na proximidade do fim da guerra «Porque a RENAMO já venceu, inclusivamente, depois da «Independência», todos nós, soldados, iremos para a cidade de Maputo, onde iremos comer, beber, dormir com as filhas dos ricos, sem trabalhar, mas sim à custa do governo» — costumavam declarar, satifeltíssimos da vida.

Foi cinco dias antes de fugirmos que nos foi anunciado que havíamos de receber a visita do «Governador», «que virá, fazendo-se transportar numa motorizada».

Para isso, devíamos ensaiar canções, para recebê-lo convenientemente «como vocês fazem no Xai-Xai, quando vão receber o vosso Presidente Chissano», acrescentavam.

Simplesmente, acabamos por fugir do campo de concentração, sem que o tal «Governador» aparecesse a fazer-nos a anunciada visita. Nem as canções chegamos a ensaiar.



Uma das muitas outras vítimas, de um dos muitos outros ataques traiçoeiros dos bandidos armados. (Foto de Arquivo)

muito conhecido e estimado no Guijá. Mesmo as crianças conheciam-no como «Titio Pedreiro». Ele havia sido raptado no dia 30 de Outubro, quando os bandidos atacaram a Aldeia Comunal de Tomanié, sete quilómetros a norte de Guijá.

Nessa altura, não houve quem não chorasse, porque pensávamos, ingenuamente, que Matusse tinha sido raptado.

Mas, depois do que assisti sobre o que aquele animal é capaz — animal, sim, e dos mais sanguinários e impiedosos — já não me fio na história de rapto. Matusse devia ser, já, desde há muito tempo colaborador activo dos bandidos. Se não o que vi não teria lógica nenhuma.

É difícil que, em apenas dois meses e 23 dias, um homem que nunca gostara de matar, tivesse ganho, de repente, um gosto tão vulgar num ser humano normal.

Mas estou a perder-me, na minha narrativa. Estava a dizer que, depois de nos terem apresentado o morticínio em massa dos nossos 16 companheiros de infortúnio, Matusse mandou que se cortassem orelhas a todas as vítimas e atassem-nas, tipo um colar de contas



Este é o panorama desolador que os bandidos deixam à sua passagem. (Foto de Arquivo)